

Conjugalidade e pós-parto

Vera Resende CRP 06-2353

É comum a mulher sentir como distanciamento a dificuldade do homem para enfrentar, e organizar, as inúmeras tarefas requisitadas pelo atendimento às necessidades do bebê. Por outro lado, o homem também experimenta o sentimento de exclusão do par mãe e filho e de perda de espaço na casa agora invadida por inúmeros objetos e acessórios do novo membro da família.

Acolher os novos sentimentos de cada um pode fortalecer a saúde do casal conjugal, quando há maior necessidade de parceria, companheirismo e cumplicidade. O nascimento de uma criança sela o período reprodutivo do ciclo vital da família e não poderia ameaçar os laços que devem mantê-la unida. Temos que identificar e reconhecer os fatores pessoais, que cada par carrega em sua bagagem, que se entrecruzam e tecem o cenário de exclusão e ressentimento.

Valores e crenças recebidos nas famílias de origem, que tiveram utilidade na formação da personalidade de cada um dos jovens pais, não devem ser colocados no novo espaço familiar, transformando-o em um campo de batalha, com um muro de separação entre “bons e maus hábitos familiares, e conceitos rejeitados ou tidos como inadequados por ambos. É momento de abandonar a bagagem fornecida pelos avós do bebê, para que, concretamente, possa nascer a nova família, pois as discordâncias em potencial se somam à dificuldade para lidar com a identidade de papai e de mamãe, que ambos passam a adotar. Entrar nos novos papéis requer o abandono do lugar de filhos e este não é um exercício fácil, às vezes é doloroso, dependendo das relações que tiveram com seus pais. Se o casal não conseguir conversar sobre suas dificuldades de maneira clara, transparente e compassiva, e se sentirem constrangidos com o desconforto emocional nesta fase, deve buscar ajuda profissional.

Há inúmeras hipóteses para as dificuldades conjugais neste início da vida familiar. Destacamos os desafios que podem ser superados, quando se leva em conta o contexto sociocultural, no qual se insere a família, diante das transformações produzidas pela inserção da mulher no mercado de trabalho. O homem deixou de ser o único provedor e precisa adaptar-se ao seu novo papel no grupo familiar. Quase sempre ele foi educado segundo padrões tradicionais, recebeu os cuidados necessários para sua sobrevivência, mas, em contrapartida, pode não ter aprendido a cuidar do outro e permanece atento apenas às suas necessidades pessoais. Seu aprendizado implica em desfazer-se, primeiro, da imagem do pai tradicional, provedor da família, distante da rotina da casa, e evoluir para trocar fraldas, dar mamadeira e incluir tarefas domésticas cotidianas.

Driblar a sensação de ser coadjuvante nos períodos em que a relação mãe-filho é muito intensa, supõe apoio mútuo. A mulher, também, está contaminada por esta percepção do papel masculino, tende a não apoiar suas iniciativas, desqualificando seu esforço para participar. Certamente ela aprendeu a “cuidar”, brincou, durante a infância, de professora, enfermeira, médica, participou das atividades domésticas com a mãe, as avós ou tias e chama para si toda a responsabilidade sobre os cuidados com o bebê. Em casos extremos, em surto de onipotência materna, não identifica nem acolhe qualquer sinal de cooperação emitido por seu companheiro. Não é possível negar que a mãe seja a principal figura neste cenário, já que se encontra em estado especial, denominado **“preocupação primária materna”**, como quer Winnicott.

Há que fazer valer a capacidade para criar o ambiente facilitador, fundamental para promover ajustes adaptativos e progressivos às necessidades básicas da criança. As funções parentais, desenvolvidas pelo pai, complementam as atividades maternas e, em conjunto, promovem a saúde psíquica da criança ao introduzi-la no princípio da realidade. Equivale dizer que a presença paterna contribui para o alto grau de adaptação à realidade externa, permitindo a



experiência de frustração e o desenvolvimento das tendências individuais herdadas. O apoio fornecido à mãe-restaura a sua segurança e a fortalece. Daí a importância de cada um encontrar sua própria maneira de desempenhar seu papel e fazer desta experiência a oportunidade para crescer como ser humano, homem ou mulher.

Bibliografia

1. Berthoud, Cervený & colabs. Família e Ciclo Vital Nossa realidade em Pesquisa. 1997, Casa do Psicólogo. SP.
2. Winnicott, D.W. – A Família e o Desenvolvimento Individual. 1997, Martins Fontes. SP.